

ARTIGOS

"DE MASIADAMENTE" BAIANO

Camila Miranda de Oliveira Maia Paes*

Alexandre Tochetto Pauperio**

“Estamos nesse momento sofrendo um profundo ataque de pessimismo econômico. [...]. Não estamos padecendo dos ataques da velhice, mas sim dos distúrbios de um crescimento feito de mudanças rápidas demais e das dores da readaptação de um período econômico para outro”.

John Maynard Keynes, 1930

RESUMO

O presente artigo analisa a possível aplicação da teoria sobre os novos rumos do trabalho, com base nos recentes estudos de Domenico de Masi. Procura relacionar, a partir de uma reconstrução histórica parcial da questão do trabalho, suas relações com a melhoria da qualidade de vida em nossa sociedade, além da possibilidade de trabalhar com idéias, subjetividade, criatividade e estética, relegando à tecnologia todo o trabalho braçal. Foi traçado, também, um paralelo das idéias apresentadas com a questão da baianidade, tão discutida e criticada, onde conclui-se pela não aplicabilidade dessa nova lógica no momento atual.

Palavras-Chave: Administração – Sociologia Industrial – Desenvolvimento Econômico – Trabalho - Organização

O MUNDO DO TRABALHO

O mundo do trabalho foi o grande assunto do século XX. Após a passagem da produção artesanal, com as tarefas sendo executadas apenas por uma pessoa, para a produção industrial, em especial a partir do final do século XVIII, marcada pela obra de SMITH (1776), foram realmente com as obras de TAYLOR (1911) e FAYOL (1925) que o mundo adentrou em outra era.

A administração pode ser considerada a ciência marcante dos novos tempos. Esse momento se consolidou e demonstrou uma capacidade de geração de riqueza e desenvolvimento econômico jamais experimentada na história da humanidade. Nos últimos anos são notados alguns sinais de esgotamento, apesar da incorporação de idéias e reações por que passaram os pensamentos originais ao longo do século.

* Aluna do 2º ano do Curso de Graduação em Administração – Habilitação em Comércio Exterior e pesquisadora de iniciação científica do GEPO – Núcleo de Pesquisas sobre Gestão e Tecnologia.

O momento atual é caracterizado por uma crise, que questiona profundamente o modelo taylorista-fayolista-fordista, ainda sem encontrar alternativas viáveis que o substituam (NÓBREGA, 1997).

O mundo dos negócios está de pernas para o ar. Desemprego, crises econômicas e instabilidade monetária são palavras que se tornaram corriqueiras em nosso vocabulário. Atualmente, mais do que nunca, esses problemas estão sendo mais discutidos, atingindo públicos diversos e tornando-se um dos principais assuntos em pauta, ao lado da violência urbana e na exclusão social.

Muitos gurus e teorias têm surgido, prevendo novas tendências, principalmente em relação ao trabalho e suas interações com o meio. Essas teorias vão da crítica inviabilidade do sistema capitalista, passando pela falta de medidas mais profundas de mercado até às mais modernas, que vão tanto das mais pessimistas, como as teorias da autodestruição e da corrupção do caráter, quanto às otimistas, alicerçadas em uma nova relação baseada no tempo livre, subjetividade e criatividade, a exemplo das idéias do sociólogo italiano DE MASI (1999) e de LAFARGUE (1999).

A realidade na contemporaneidade é opaca, turva, poucos conseguem clareza na explicação do momento histórico atual. Mesmo com essa dificuldade típica de final de século-milênio, cabe fazer escolhas. As opções colocadas são acreditar e fazer acontecer um futuro pessimista ou otimista, ou ainda, ser realista, adotando um modo consciente de ação, de forma a entender a realidade e estabelecer, a partir dessa compreensão, novas formas de atuação na vida social. Não é uma questão de alienação perante uma crise econômica, mas de postura criativa, de entendimento e resolução de problemas.

Acreditando que o otimismo pode ser uma alternativa para uma nova perspectiva de vida, idéias como as fases liberatórias de DE MASI (1999), devem ser difundidas, não como nova verdade incontestável, ou melhor rumo a seguir, mas sim como alternativa para aqueles que se cansaram de ver o mundo e o futuro das relações humanas de uma forma caótica, permitindo uma nova forma de compreensão da crise e de definição de rumos. As idéias básicas do autor foram difundidas com certa facilidade no Brasil (UNIFACS, 1999).

DE MASI procura apresentar uma compreensão mais ampla do fenômeno da crise, apresentando o desemprego como a libertação do trabalho e não como uma deficiência sócio-

** Professor Titular da Universidade Salvador – UNIFACS, Coordenador do Curso de Graduação em

econômica. Estas fases liberatórias teriam liberado o homem da escravidão, da fadiga e agora seria o momento do trabalho, superando qualquer idéia inicial de “máquina humana”. No seu modo de ver, a tecnologia é a principal mola mestra desse processo, pois são as máquinas que irão ocupar os espaços do homem. Isso não significa que ao homem restará apenas o desemprego e sim o “ócio criativo”, em que teriam vez a introspecção, a ideação, a produção criativa, a reprodução vital, jogos inventivos, a auto-realização subjetiva e a qualidade de vida (DE MASI, 1999). Ao homem ficará a responsabilidade do principal trabalho, o de pensar, criar, projetar, característica que o difere dos demais no reino animal.

A grande barreira a ser enfrentada nessa nova teoria é o lastro cultural que o trabalho possui na sociedade, fazendo com que este tipo de trabalho pesado, suado, seja motivo de orgulho e dignidade. Entendendo que cultura “*é o conjunto de hábitos, valores e crenças que as comunidades e grupos sociais desenvolvem e transmitem a seus novos integrantes e novas gerações integrantes. A cultura representa o quadro de referências dentro das quais, fatos, objetos e pessoas são interpretados e avaliados*” (MAXIMIANO, 1997), percebemos como será difícil, em todo o planeta, a jornada rumo a mudança de cultura em relação ao trabalho.

Historicamente, a sociedade brasileira tem andando no sentido da valorização do trabalho, ainda que de modo bastante inferior a países protestantes, como tão bem demonstrado em WEBER (1999).

A proposta de DE MASI passa por fazer com que as jornadas de trabalho sejam minimizadas ao tempo realmente necessário, ajudando o homem a ter uma melhor vivência na transição para uma nova realidade. Essa mudança passaria pela responsabilização das tarefas e a palavra de ordem é autogestão, pois trabalhar com criatividade e idéias depende muito mais de uma disciplina própria do que ordens, fazer com que cada indivíduo incorpore essa meta já é um grande passo, a responsabilidade.

O TRABALHO E O HOMEM

Antes do capitalismo, as crises aconteciam por causa de uma colheita que se perdera ou por epidemias, guerra ou escassez de algum bem. Hoje as grandes crises nada tem a ver com esses motivos e sim, por um problema que parece estrutural e complexo, de solução mais profunda. Frente à essa falta de perspectiva, imposta pelo esgotamento de um modelo, pouco de novo

tem sido proposto. Nesse ambiente árido, surge uma nova teoria que vê nessa realidade uma oportunidade do homem se livrar do trabalho braçal, aumentar sua qualidade de vida, se libertar da fadiga e aprender a trabalhar com o conhecimento e criatividade. Porém, para entender toda essa nova dinâmica, é preciso voltar um pouco atrás no tempo para entender como aconteceu a evolução do trabalho, seus conceitos e suas relações.

Na Grécia antiga, as pessoas viam o trabalho dependente com repulsa, qualquer atividade que dependesse do esforço físico obrigatório ou trabalho executivo era tido como desprezível e indigno. Porém, o trabalho autônomo ligado às áreas do conhecimento, da estética, da sabedoria e da política eram vistos de forma enaltecida, com prestígio social. O comércio por sua vez também era subjugado as tarefas indignas, na época exercida pelos metecos que eram “estrangeiros livres, residentes na cidade, com poucas limitações políticas e com a possibilidade de usufruir do ensino e dos espetáculos” (DE MASI, 1999). As outras atividades eram executadas pelos escravos, fora da cidade, em lavouras, minas, indústria e dentro da cidade nos afazeres domésticos e nos serviços públicos.

Nessa época vigorava a idéia de que todos os conhecimentos geográficos, biológicos, físicos, mecânicos, médicos e agrícolas já tinham sido descobertos pelos seus grandes pensadores. Portanto, não havia mais a necessidade de pesquisa científica, restava apenas a função de divulgar essas descobertas. Esse pensamento castrador da antiguidade está fortemente ligado à questão da escravidão, como a quantidade de escravos era exorbitante, sendo a eles relegado o papel do trabalho, de forma que os gregos não viam a necessidade de melhorar as condições de trabalho ou fadiga.

Os romanos por sua vez ampliaram os conhecimentos na área da administração e da política, fazendo com que estas áreas justificassem a necessidade da escravidão, transformando-a em cultura e incentivando o seu aumento, enquanto prática. Igualmente como os gregos, os escravos eram usados em todos os tipos de trabalho. Nessa época, os escravos eram adquiridos principalmente pelas guerras de expansão, porém existiam outras formas de abastecimento: procriação, dívida, pirataria, compras, entre outras formas de apropriação dessa gente-objeto. Pelo mesmo motivo dos gregos, as invenções tecnológicas e a pesquisa científica ficaram relegadas ao esquecimento.

Entre o baixo império e a Idade Média o advento da libertação dos escravos, concedeu ao homem o fim do trabalho forçado. Foi o primeiro passo rumo à libertação do trabalho. É

importante ressaltar que essa transformação não se deu apenas pela escassez desse tipo de mão-de-obra e sim por várias causas aliadas: o custo de manutenção dos escravos, a necessidade de trabalhadores mais especializados e motivados, e, principalmente, trabalhadores nos quais se pudessem confiar. Então surgem os servos e os trabalhadores assalariados, figuras que vigoram em nosso cenário até hoje.

A segunda e grande libertação ocorreria com a Revolução Industrial e o advento da máquina, aliados às inovações organizacionais na figura de Taylor e sua administração científica. Nessa época, as máquinas substituíram a necessidade de mão-de-obra em escassez. Surgiu também a necessidade de uma maior e melhor produção, viabilizada através dos estudos tayloristas de tempos e movimentos, visando maior produtividade do trabalhador para maior aprimoramento dos métodos de trabalho. Isso gerou ao homem uma melhor qualidade de vida, livrando-o da fadiga. A padronização das operações, ferramentas e equipamentos, somados aos estudos dos tempos e movimentos levaram os trabalhadores a utilizarem apenas um terço da energia que antes era necessária ao mesmo trabalho, representando, como dito anteriormente, uma efetiva transformação.

Esse *modus operandi* evoluiu de forma intensa no século XX, com o advento do modelo japonês de produção, levando à extrema potência os ensinamentos tayloristas-fordistas, através das práticas de produção enxuta, *just-in-time*, *kanban*, *dowsizing* e terceirização, sem esquecer os devidos cuidados que o sofisticaram e camuflaram, frente aos opositores do *homo economicus*.

Com o citado esgotamento desse modelo, com os crescentes desemprego e insatisfação, surgem então os defensores de uma nova revolução. Essa terceira e última grande revolução seria a libertação do trabalho, que está ocorrendo nesse exato momento na tão assustadora figura do desemprego. Os avanços tecnológicos fizeram com que a máquina tomasse o lugar do homem no setor de produção. A idéia de utilizar a tecnologia em menor escala e a criação de sub-empregos não vão diminuir efetivamente o número de desempregados.

O TRABALHO NA ECONOMIA DA BAHIA

O Brasil foi descoberto na Bahia e desde essa época há registros de trabalho, seja através da construção da primeira vila ou na exploração do patrimônio natural da região. O estado, com forte influência da mão-de-obra escrava africana, vivenciou os ciclos iniciais econômicos

brasileiros: pau-brasil, ouro e pedras preciosas, cana-de-açúcar, tendo papel destacado na geração da renda nacional. Cabe destacar o caráter de uso intensivo de mão-de-obra que caracteriza essas fases. Com a chegada do ciclo do café, a economia baiana passou a buscar novos rumos, perdendo a liderança econômica e política para a região sudeste.

Novos ventos só surgiram efetivamente na metade do século XX, com a descoberta do petróleo e a implantação da Refinaria Landulpho Alves, em Mataripe, que representou uma nova oportunidade de diferenciação no contexto nacional e uma nova fase de industrialização, até então limitada à indústria tradicional. A atividade de refino já apresentava um outro tipo de composição de trabalho, com o uso muito mais intensivo de tecnologia, levado à extrema potência com a chegada de investimentos, a partir da década de 60, com o Centro Industrial de Aratu, e da década de 70, com o Pólo Petroquímico de Camaçari. Hoje, a Bahia se prepara para novos vãos, com a chegada do parque automotivo, com o desenvolvimento da agricultura irrigada e, em especial, com a expansão do setor serviços, aproveitando o patrimônio histórico-cultural-natural-simbólico único.

Apesar dessa formidável história econômica, a Bahia ainda é motivo de brincadeiras por parte dos habitantes do centro-sul do Brasil, carregando o estereótipo de “lugar onde não se gosta de trabalhar”, “de gente preguiçosa” e “lerda”. Essa é uma caricatura amplamente difundida e que tem servido de base para discussões intensas. De uma forma geral, a comunidade baiana já aceita o rótulo de que “é diferente” e essa forma alternativa, em alguns casos, tem sido vista com bons olhos, colocada com sinônimo de qualidade de vida. O próprio baiano acredita que vive em um local especialmente focado na criatividade. Isso ocorre pela tradição na música, na arte e na cultura em geral.

A grande questão que surge diz respeito à alguma possível relação entre o “ócio criativo” de DE MASI e o jeito baiano de tratar o trabalho. Pode haver algo em comum entre a criticada “moleza” do baiano e essa nova onda? Será que a Bahia encontra-se em um patamar mais próximo do mundo preconizado por DE MASI? Poderia o trabalhador baiano adaptar-se melhor a um novo esquema, menos baseado na cultura do esforço máximo e mais na fórmula esforço mínimo-rendimento criativo máximo? Estará a Bahia praticando um modelo avançado, ainda não atingido em outros locais mais desenvolvidos?

O EXEMPLO DA BAHIA E A CRIAÇÃO DE UM NOVO MUNDO DO TRABALHO: POSSIBILIDADES

Se o desenvolvimento das sociedades, segundo essa nova teoria são baseados na produção em escala de bens não comerciais como arte, cultura, informações, serviços, símbolos, então a Bahia é o lugar certo para implantar essa idéia. O patrimônio natural é privilegiado, assim como o cultural, racial, religioso e estético.

Como exemplo especial, destaca-se a mistura indígena-européia-africana que, ao invés de um choque cultural, provocou uma harmonização singular que só se vê na Bahia. A maior prova disso é o sincretismo religioso, que mistura o sagrado do Catolicismo com o profano do Candomblé numa perfeita estética, isso partindo da premissa que estética é a harmonização de partes em um todo, na Bahia se pode encontrar terreiros e as primeiras igrejas do Brasil vivendo lado a lado sem o menor conflito. As festas populares se confundem com as datas religiosas. A Bahia propicia encantamento com esse arcabouço simbólico, em função das profundas raízes na formação do povo brasileiro.

Mas a questão não é tão simples. Muitas vezes a empolgação elimina a serenidade para uma análise mais profunda e responsável. A capital baiana, com cerca de 2,5 milhões de habitantes, segundo destino turístico de lazer do Brasil, detentora do maior carnaval do planeta, também é a região metropolitana com o maior índice de desemprego no Brasil.

Apesar das melhorias no espaço urbano praticadas pela última administração municipal, não pode ser vislumbrada uma mudança radical desse panorama a curto prazo. Além disso, não parece que os cerca de 20% da população economicamente ativa sem trabalho nessa região estejam fazendo uma escolha ou sejam partícipes de qualquer programa de redução da jornada para maior dedicação ao lazer ou à atividades criativas. Muito pelo contrário, temos a exclusão econômica dessa parcela da população e suas famílias, caracterizando um estágio bem anterior, subdesenvolvido, em relação às propostas de DE MASI (1999).

A realidade é que a Bahia representa um estado periférico em um país subdesenvolvido, precisando passar por uma longa jornada antes de observar problemas típicos de países de primeiro mundo. Os níveis de educação básica são alarmantes, cresce o fenômeno da precarização do trabalho e do subemprego.

O provável vanguardismo parece substituído por um profundo desafio, no sentido de buscar as transformações necessárias para a construção de um modelo que, sem dúvida, deve ser

original. Algumas iniciativas, como o SAC – Serviço de Atendimento ao Cidadão, padrão de atendimento em postos específicos que permite a resolução de problemas junto ao governo e a retirada de documentos, indicam uma criatividade que pode dar excelentes resultados. Mesmo assim, percebe-se a insuficiência de iniciativas do mesmo porte.

Mesmo com a não aplicação completa da teoria do ócio criativo, podemos tirar algumas lições. Em especial a atenção diferenciada à educação e ao uso intensivo da tecnologia. No campo educacional, destaque para o programa do governo estadual “Educação para Vencer”, que apesar de ser uma metodologia importada, coloca a questão da formação básica em primeiro plano. Não serão obtidos, necessariamente, resultados a curto prazo, pois programas desta natureza exigem tempo, podendo implicar em profundas transformações. A longo prazo, os impactos nas atividades produtivas em geral poderão ser grandes, com a formação em capacidades básicas generalizada entre as diversas camadas da população economicamente ativa.

Na área de tecnologia, é necessário avançar. A chegada do Pólo Petroquímico não foi suficiente para a Bahia tornar-se produtora de tecnologia, continuando dependente de outros centros. Provavelmente, a chegada do Parque Automotivo também não gerará essa condição. Porém, as iniciativas no setor serviços, que trabalham com outro tipo de lógica, podem trazer resultados relevantes. Destaque para o Pólo de Informática de Ilhéus, a hortifruticultura irrigada de forte teor tecnológico e a área de turismo e hospitalidade, onde vêm sendo encontradas formas originais, que poderão se constituir no principal caminho para a superação dos graves problemas encontrados no mais promissor dos estados nordestinos.

Essa mudança de panorama exigirá um esforço significativo. Além da vontade política de realizar, outros elementos precisarão ser considerados, a exemplo da resposta da sociedade civil aos chamados, coordenados pelo poder público. Papel singular podem exercer as ONG's – Organizações Não-Governamentais, que têm exercido função ativa na busca por melhorias na condição de vida. Outro ator importante é o setor privado, que necessita, urgentemente, de novos rumos, já que as principais decisões empresariais são tomadas fora da Bahia, levando a um descomprometimento com as questões sociais mais imediatas, ainda que respondendo quando solicitado pelo governo, em todos os níveis.

Nessa trilha, os detalhes indicarão o sucesso ou fracasso das escolhas, por isso muita atenção, cuidado e clareza de princípios serão exigidos. É verdade que podemos tentar pular fases, construindo realidades adequadas ao novo modelo, mas atalhos são sempre perigosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE MASI, Domenico. **Desenvolvimento sem trabalho**. São Paulo: Esfera, 1999.

FAYOL, Henri. **Administration industrielle et générale**. Paris: Dunod, 1925.

GRAIEB, Carlos. Ai, que preguiça! **Exame**. São Paulo, ano 33, n. 17, ago. 1999, p.141.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MAXIMIANO, Antônio A. **Teoria geral da administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

MEDEIROS, Cintia. Fila?: só a do acarajé. **Exame**, São Paulo, ano 33, n. 17, ago. 1999, p.143.

NÓBREGA, Clemente. Taylor superstar. **Exame**. São Paulo, ano 31, n. 19, set., p.124-128, 1997.

SMITH, Adam. **An inquiry into the nature of the wealth of nations**. London: Strahan & T. Cadell.

TAYLOR, Frederick W. **The principles of scientific management**. New York: Harper & Bros, 1911.

UNIFACS. Universidade Salvador. **Pré-Textos para Discussão**. Coordenadoria de Pesquisa. Salvador: Ano IV, v.4, n.6, jan./jun., 1999.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.